

Povos Indígenas no Brasil

Fonte FOLHA DE S. PAULO

Class.: 921

Data 10/09/85

Pg.: _____

190 A questão da Funai

Só a extraordinária liderança cultural, moral e guerreira do chefe txukarramãe Raoni impediu mais um conflito de proporções dramáticas na Fundação Nacional do Índio e permitiu a posse de Alvaro Villas Boas na presidência daquele órgão. Mas se o governo não se abrir para realidades que estão bem diante de seus olhos, não é preciso ser profeta para prever que novas crises virão — e bem depressa.

Quem não for cego, não negará aos irmãos Villas Boas — Orlando, Cláudio e Alvaro o crédito pela sobrevivência de várias culturas, várias nações indígenas, com seu trabalho pela criação e manutenção do Parque do Xingu. Pode-se até discordar da concepções e visões dos Villas Boas. Mas não se pode negar-lhes os méritos que lhes cabem — até porque ninguém fez melhor.

Não se deve, porém, ignorar que muitas lideranças indígenas mais jovens não aceitam a visão que orienta os Villas Boas. Acham-na — justa ou injustamente — paternalista, assistencialista. Principalmente, entendem essas lideranças que não faz sentido dirigir a Funai e a política indigenista sem ouvir os maiores interessados. E sem dar-lhes acesso aos lugares onde se tomam decisões que esses maiores interessados vão sentir na pele. Literalmente.

Não é segredo que a escolha pessoal do presidente da República para assumir agora a Funai recaia em Orlando Villas Boas. Que não aceitou — daí a escolha de Alvaro.

Também não é segredo que Alvaro Villas Boas é incompatibilizado com o deputado Mário Juruna e as lideranças indígenas que o

Brasil Central

acompanham. Como é incompatibilizado com parte das nações abrangidas em sua área anterior de atuação, como delegado da Funai.

Portanto, a nomeação é de alto risco.

Já passou da hora de mudar o método de tratar essa questão. É preciso dar autoridade urgentíssima à demarcação das terras dos índios — promessa pessoal do presidente da República —, pois essa providência eliminaria 95 por cento dos conflitos e dificuldades atuais. Em seguida, inscrever na Constituição o direito à plurietnia, para permitir que as micronações indígenas vivessem associadas à Federação Brasileira, mas soberanas e autônomas nos limites de seus territórios, para poderem preservar suas culturas, se assim o desejarem.

Mas enquanto não se chega aí, o mínimo que o bom senso recomenda é ouvir as lideranças indígenas antes das grandes decisões. Acelerar o processo de formação de novas lideranças, permitindo o acesso dos mais jovens aos postos de decisão, a fim de prepará-los para exercer o comando total. E por que não formar um conselho de líderes para assessorar a Funai? Por que não se faz isso enquanto estão vivos líderes como Raoni? Estes, que conhecem em toda a sua extensão a capacidade de violência dos brancos, ainda são capazes de transigir e negociar. Sem eles, não é difícil prever o drama que sobreviverá.

Washington Novaes